



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

RELIGIOSIDADE POPULAR: PERMANÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO EM TOCANTÍNIA-TO

Ana Paula Ribeiro de Andrade Oliveira*

Mírian Aparecida Tesserolli (Orientadora)

1

O município de Tocantínia, no Tocantins, tem sua História marcada pelos princípios do cristianismo, tanto por parte de congregações católicas, quanto por congregações protestantes.

Desde sua fundação, a partir de 1860, a cidade ganha características religiosas. O fundador, capuchinho Frei Antônio de Ganges, traz consigo as festividades religiosas do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião, sendo assim uma das primeiras identidades culturais da cidade em relação às festas. Vários séculos depois a cidade ganha outras identidades festivas como o chamado “Carnatoca”, uma festividade de cunho carnavalesco que vem ganhando espaço no cotidiano dos tocantinienses.

Na contemporaneidade, as festividades religiosas ocorrem anualmente na segunda semana do mês de julho, sendo que ao longo dos anos passaram por profundas transformações que abalaram algumas tradições praticadas no período festivo. Tradições

* Acadêmica do Curso de História, Universidade Federal do Tocantins- UFT.

como as cavalhadas, congadas, rainha das barraquinhas, levantadas de mastros, dentre outras, já não são praticadas.

As festas religiosas ocorriam da seguinte maneira: a de São Sebastião no mês de Janeiro, comemoração do Santo que ocorria a cada dia 20 de janeiro; e a do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, na primeira semana do mês de julho. No mês de janeiro, eram realizadas a missa, a novena, a divindade e os juizes do mesmo santo. Já as festividades do mês de julho eram compostas de reis e rainhas, imperadores, rainha das barraquinhas, cerimônia de posse, cavalhadas, congadas e diversas iguarias como o bolo quebrador, vinho de jenipapo, paçoca de gergelim e de carne de sol, dentre outras que eram provenientes da economia de subsistência local. O rei e a rainha são atribuídos a Nossa Senhora do Rosário, os mesmos tomam posse no sábado. Já o imperador e a imperatriz são em honra ao Divino Espírito Santo, cuja cerimônia de posse se dá no domingo. Imperador, imperatriz, rei e rainha, ambos após a missa de posse oferecem uma festa para comunidade com bastantes variedades de comidas típicas da região.

A partir da década de 1950 as festividades dos padroeiros da respectiva cidade passam por mudança de datas. Antes havia na cidade duas festividades por ano, depois as festividades são unidas, passando a acontecer uma vez a cada ano. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é analisar as permanências e as ressignificações presentes nas festas do município, como também dar maior visibilidade as festividades através das narrativas a partir da memória dos entrevistados.

METODOLOGIA

Leituras referentes à temática, o uso de etnografias e de entrevistas foram de fundamental importância para compreensão de como essas práticas ocorriam, como também o trabalho de campo realizado durante viagens ao longo do ano de 2011 e 2012, com maior intensidade nos períodos festivos. As etnografias realizadas durante o trabalho de campo da folia foram importantes para a realização da pesquisa; foram utilizados os testemunhos orais dos foliões e demais partícipes em forma de entrevistas como fonte histórica para produção do conhecimento obtido. A análise iconográfica foi utilizada como elemento de representação das manifestações festivas dos locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aproximadamente há uns dez anos atrás os festejos da respectiva cidade foram a principal atração festiva em relação à religiosidade popular. Na contemporaneidade essa manifestação cultural de cunho religioso divide espaço com outra festividade, porém de cunho canarvaresco.

Na história cultural um dos métodos utilizados tanto por antropólogos quanto por historiadores é o uso da etnografia, porque é a partir dela que o pesquisador poderá fazer uma interpretação da cultura ou das culturas observadas. De acordo com Clifford Geertz (1989) “a etnografia é uma descrição densa”. Essa descrição densa possibilita ao pesquisador, em cada busca que ele faz, novas interpretações sobre o objeto observado.

Com o passar do tempo essas festividades religiosas sofreram grandes transformações, o que é bastante ressaltado nas narrativas dos entrevistados. Diversas práticas já não fazem parte do período festivo. O giro da folia é um dos principais pontos dessa tradição festiva. Os foliões fazem o giro por toda a cidade, tocando e cantando os “benditos”, recebendo “esmolas” como ajuda da população para que a festa seja realizada. Um fator importante que analisei ao longo da pesquisa foi: quais as relações sociais que tal festividade trazia, relacionado à coletividade? E como são na atualidade? Maurice Halbwachs (2004) afirma que a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva.

No passado os festejos era um ponto de encontro entre a população urbana e rural, pois de acordo com uma das entrevistadas “nesse período vinha muita gente do sertão”. Ainda segundo um dos foliões, os festejos “era uma brincadeira”.

Segundo Messias (2010) as manifestações de religiosidade popular independem de classe social. Isso foi perceptível ao longo da pesquisa, porém com o desenvolvimento da política, o caráter de coletividade foi sofrendo mudanças profundas, transformando-se numa política de interesses. Ao longo das entrevistas percebi como as pessoas se emocionavam ao lembrar-se daquele tempo. A maioria dos entrevistados tinha a faixa etária entre 50 e 80 anos. Ecléa Bosi (2006) salienta que um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das

peças idosas. Em Tocantínia os idosos possuem a experiência dessas festas e os mesmos percebem as grandes mudanças ocorridas ao longo dos anos.

CONCLUSÃO

As festividades religiosas no município de Tocantínia, mesmo com as diversas mudanças nos rituais, ainda são pontos de encontro, no qual as pessoas ao se lembrarem de como essas festas ocorriam, participam devido à fé nos santos padroeiros. Isso é perceptível quando as pessoas recebem as bandeiras em suas casas. Ao entrevistar o folião mais velho do grupo, percebi o quanto é importante fazer o giro e as demais manifestações que ainda ocorrem ao longo dos festejos.

Assim sendo, o registro da memória dessas pessoas tem grande significado individual e também coletivo, pois dessa forma a História local se constrói, aumentando a autoestima da população e conseqüentemente a compreensão de como a coletividade foi sendo construída ao longo do tempo durante o período festivo. Possibilitando a análise das permanências e ressignificações, presentes nessas manifestações festivas.

4

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ªed. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. A Interpretação das Culturas. LCT, Rio de Janeiro, 1989. p.03-21.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. Centauro; São Paulo, 2006.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO*. 2010.352 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia - GO, 2010.

Fontes Orais

Emídio Pereira Borges- Folião, 84 anos.

Maria da Paz Sardinha- Advogada e Partícipe dos festejos.